FRANÇA

Pascal Lachenaud/AFP

Fogo toma conta do prédio da Prefeitura de Limoges, no centro do país, durante confrontos

Christophe Archambault/AFP

Manifestante lança gás lacrimogêneo contra forças de segurança, em Bordeaux (sudoeste)

Thibaud Moritz/AFP

Pedestres passam por rua com detritos em Marselha (sul), cidade afetada pelos tumultos

Kiran Ridley/AFP

Homem caminha diante de fileira de carros queimados, na Rua Yes Toudic, no centro de Paris

Liberdade restrita

Autoridades decretam toque de recolher no centro de Paris e em cidades do norte que foram palcos de protestos no fim de semana. Primeiro-ministro acusa radicais da extrema-esquerda de tentar criar o caos até as eleições presidenciais

» RODRIGO CRAVEIRO

Olivier Chassignole/AFP

Funcionário da Prefeitura de Lyon limpa pichação da Fonte Bartholdi, em Place des Terreaux: depredações e saques registrados em várias regiões

Os protestos que se espalharam por Paris e por outras cidades levaram a França a cercear uma das palavras de ordem da Revolução Francesa: a liberdade. As autoridades impuseram toque de recolher parcial em partes da capital e em outras cidades do norte do país, entre 20h de ontem e 6h de hoje pelo horário local (das 15h de ontem à 1h de hoje no horário de Brasília). Em Lyon, Lille e Nice, a medida vigorou em áreas específicas das regiões metropolitanas. Nas duas últimas cidades, apenas menores desacompanhados foram proibidos de circular.

De forma independente, a Prefeitura de Marselha proibiu reuniões e manifestações, ontem. Os protestos começaram com os estudantes, que tomaram as ruas para exigir uma melhoria da educação, mas acabaram incluindo os chamados "coletes amarelos" e outros movimentos sociais, que denunciam o aumento do custo de vida.

O ministro do Interior, Laurent Nuñez, esteve na segunda maior cidade da França e se reuniu com o prefeito, Benoit Payan. "Não entendo como, em total impunidade, pessoas puderam massacrar a minha cidade durante horas (...) diante dos olhos de indivíduos que deveriam ter intervindo", declarou, ao exigir que o Estado "pague a conta" pelos prejuízos estimados em 28 milhões de euros (ou R$ 140,8 milhões). Nuñez admitiu que a polícia "perdeu o controle". Durante os protestos, mais de mil policiais ficaram feridos, 2.500 manifestantes foram detidos e 67 estão presos.

Sem intimidação

Por sua vez, o primeiro-ministro Sébastien Lecornu anunciou que, na sexta-feira, visitará Limoges, município que se tornou uma espécie de ícone dos distúrbios depois que a prefeitura foi incendiada e a imagem do desabamento da torre ganhou as redes sociais. "Ela é o símbolo de uma nação que não se deixa abater nem se intimidar", declarou o premiê, que prometeu reconstruir o prédio. Lecornu também culpou a extrema-esquerda pelos levantes sociais do fim de semana. "Há um movimento liderado por grupos radicais de extrema-esquerda que, de fato, querem desestabilizar, que querem criar o caos em nosso país até as eleições presidenciais", assegurou. "Não nos deixaremos ditar nem governar pelos infratores, pelos ladrões, pelos criminosos." Na manhã de ontem, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, escreveu em sua rede social que "os migrantes tomaram a França". "Eles devem fechar as fronteiras rapidamente", cobrou.

Cientista político da Fundação Jean Jaurès (situada em Paris), Jean-Yves Camus admitiu ao **Correio** que ativistas da extrema-esquerda estão interessados em buscar um confronto direto com as forças de segurança. "Isso não ocorrerá durante o toque de recolher", destacou. "Os manifestantes genuínos estão nas ruas devido ao alto custo de vida e ao aumento dos preços da energia. Os estudantes, por sua vez, pedem mais investimentos no sistema educacional."

De acordo com Camus, aqueles que confrontam a polícia são, em sua maioria, anarquistas que desejam derrubar o capitalismo e a democracia liberal. "Eles alegam lutar contra o 'fascismo' — conceito que, segundo eles, abrange todo o espectro de opiniões democráticas, desde os conservadores até a social-democracia — e, naturalmente, opõem-se a Marine Le Pen (líder do partido ultraconservador Reagrupamento Nacional, RN). Contudo, seu comportamento acaba por ajudá-la a conquistar o voto de muitos eleitores que defendem 'a lei e a ordem'", explicou. "Havia, ainda, saqueadores que atacavam lojas e levavam tudo o que podiam. O número deles era impressionante. Uma grande parte, pelo que pude observar, vinha dos subúrbios de Paris. Eles não tinham qualquer agenda política."

Os franceses irão às urnas em 18 de abril de 2027 para escolher o próximo presidente. Jordan Bardella, presidente do RN, aproveitou para criticar o governo Macron. "O poder desertou completamente", disse. "Quem vai se beneficiar desse caos, senão Le Pen?", advertiu o seu rival social-democrata, Raphaël Glucksmann, ao defender uma "reação contundente" do Executivo.

Eu acho...

Arquivo pessoal

"Faltam seis meses para o dia da eleição. A única decisão que o presidente Emmanuel Macron poderia tomar seria decretar estado de emergência, mas isso equivaleria a uma declaração de guerra contra os manifestantes e resultaria em um caos total. Ele não renunciará. O melhor que pode fazer é ajustar a resposta policial aos distúrbios, colocando mais agentes nas ruas durante os próximos protestos, e solicitar à comunidade de inteligência que atualize as informações sobre os manifestantes."

JEAN-YVES CAMUS, cientista político da Fundação Jean Jaurès (em Paris)

CUBA

Justiça dos EUA quer Raúl

Aos 95 anos de idade, afastado de cargos oficiais há mais de 10, o ex-presidente cubano Raúl Castro tornou-se, ontem, objeto de uma ordem de prisão determinada pela Justiça do estado norte-americano da Flórida. O irmão caçula de Fidel Castro, que comandou o regime comunista na ilha por meio século, é acusado pela morte de cidadãos dos EUA em incidentes de 1996, relacionados à derrubada de aviões utilizados por organizações anticastristas do estado da Flórida para resgatar cubanos que, na época, tentava cruzar os menos de 200km do Estreito da Flórida para para pedir asilo e cidadania nos EUA.

"Estamos anunciando acusações estaduais contra Raúl Castro, juntamente com um mandado de prisão por conspiração para cometer homicídio em primeiro grau", disse o promotor da Flórida, James Uthmeier, em entrevista coletiva. Segundo Uthmeier, Raúl "ordenou o assassinato a sangue frio de quatro moradores da Flórida, e o estado jamais deixará de buscar justiça". Em 24 de fevereiro de 1996, caças cubanos derrubaram duas pequenas aeronaves, desarmadas, da organização Irmãos do resgate. No ataque, morreram os quatro tripulantes do grupo, que pretendia ajudar cubanos que fugiam em balsas para os EUA.

Naquela época, Raúl era ministro da Defesa de Cuba. Anos mais tarde, em 2006, ele viria a suceder o irmão mais velho, Fidel Castro, como presidente da República e primeiro-secretário do Partido Comunista.

Tensões

O chanceler Bruno Rodríguez classificou como "infundadas" as novas acusações contra Raúl Castro. "Condenamos a nova manobra estéril dos políticos anticubanos do sul da Flórida contra o general do Exército Raúl Castro Ruz", afirmou na rede social X. Rodríguez acrescentou que as acusações são "reflexo da podridão política e do colapso moral com que um grupo de parasitas engana e frauda seus apoiadores", referência aos políticos da extrema-direita republicana na Flórida.

A nova imputação coincide com tensões entre Cuba e os EUA, que vêm aumentando a pressão diplomática e econômica sobre a ilha comunista, por meio de novas sanções e de um bloqueio petrolífero. Essas medidas agravaram a profunda crise econômica e energética no país caribenho. No início de outubro, autoridades americanas anunciaram que haviam interceptado 90 carregamentos de combustível com destino à ilha.

Yamil Lage/AFP

O ex-presidente Raúl Castro, remanescente da geração fundadora do regime cubano

Duas acusações

Em 20 de maio passado, o governo federal dos EUA apresentou acusação semelhante. O procurador-geral, Todd Blanche, disse que esperava que Raúl Castro acabasse "atrás das grades". O procurador federal para o Distrito Sul da Flórida, Jason Reding Quiñones, explicou, ontem, que o sistema judicial permite que tanto o governo federal quanto os estados "processem violações das respectivas leis". De acordo com o promotor, "isso significa dois processos judiciais separados, cada um seguindo o próprio curso", indicou durante a apresentação das acusações.

A acusação estadual amplia as frentes judiciais abertas contra Raúl Castro, embora especialistas considerem improvável que ele compareça perante um tribunal americano. "Continua a pressão crescente, por parte dos EUA, o cerco ao regime de Havana, não apenas em termos econômicos, mas também jurídicos", disse à agência de notícias France-Presse Sebastián Arcos, diretor do Instituto de Estudos Cubanos da Universidade Internacional da Flórida (FIU).